

AFROS & AMAZÔNICOS



AMAZÔNIAS, RIOS QUE SOMOS TODOS NÓS!

Hélio Rocha*

Palestra proferida no I Congresso Internacional de História da Amazônia

Universidade Federal de Rondônia

(Porto Velho, 03 de maio de 2023)

Num emaranhado de cabeceiras nas entranhas quase inacessíveis do Arco de Fritzcarald – Peru, no mundo andino nasce o *Purus*, rio de minhas reminiscências; e languidamente suas águas poderosas deslizam entre as matas ainda pujantes do mundo amazônico; adentram Santa Rosa, Manoel Urbano – estado do Acre – Brasil; e soberbamente passam por Boca do Acre, Pauini, Lábrea, Canutama, Tapauá e Beruri – estado do Amazonas – e apoteoticamente deságuam na margem direita do Solimões.

No *Purus*, entre o rio e a mata, vieram à luz e continuam a vir muitos seres faunísticos e florísticos; também humanos afloraram e revelam-se nesse lugar.

A chuva e o sol se alternam quase que diariamente, mas há tempos em que chove pesado a noite toda e metade do dia seguinte.

Os rios, lagos, igarapés e furos se enchem de espumas e frutinhas, que caem das árvores desse imenso pomar e alimentam peixes, bichos e as gentes que, ambientadas nesse imenso pluriverso aquoso, pensam, amam, erguem e cantam os seus mundos.

Fiat Lux!

Faça-se luz!

Ah, *Purus*, *Wainý*, *Wéni*, *Cuchiguarra* dos meus ancestrais, quanto de tuas águas jorra em mim?

“Mais da metade de ti, parente” – dizes tu estrondosamente, oh *Purus*!

Que brilhos aquosos são esses em minha mente de menino de teus barrancos? Foste tu, *Purus*, o meu primeiro espelho, nos anos do meu setênio primeiro e, além de espelhar o meu rosto, me mostravas o céu, o firmamento, a verticalidade, ao tempo em que me abraçavas e, amorosamente, me conduziás em tuas águas inteligíveis, frias, mornas e, inúmeras vezes, beijadas ardentemente pelos raios do Sol. Era, então, que espelhavas com grande resplendor não a imagem de um Narciso no espelho líquido, mas o rosto, ainda inocente, de um dos teus inúmeros filhos, que, como a ninfa Eco, ainda te ouve dizer: “Olhe para cima, para o céu, pois és um ser espiritual”.

Tendo eu vivido outros setênios, costumo perguntar ao meu sol interior: o que há de ti, oh, *Purus*, em meu ser criança-menino-homem de tuas cheias e vazantes, de teus meandros luminosos, os encantados, nos dias em que tocavas aquelas monodias durante as chuvas, também nos dias de muito sol e nas noites de luar? O que pode um rio-irmão, um rio-pai, um rio-rei, um rio-ente, um rio-útero na constituição de um *sujeito amazônico puruense*? O que os cílios verdejantes de tuas barran-

* Professor da Universidade Federal de Rondônia – UNIR, Departamento de Línguas Estrangeiras – DALE.



cas orvalhadas e ondulantes podem impingir na alma de um mortal?

Mergulho em ti outra vez para buscar no teu leito sedoso algumas gotas de teu néctar para, de fato, estar em teus abraços líquidos e, no embalo da *escrita cabocla*, procurar essa constituição de um si-sendo que, de sendo, se vai também de bubuia deslizando em tuas águas energéticas. Todavia, interrogo a mim mesmo uma vez mais: por que (re)fazer essa viagem se não apenas a alegria, mas a dor e o choro invadem o espírito do viajante?

É que cheguei à terceira margem do rio-vida [meus setênios] e devo – como *caboclo*, [amazônida típico] que sou – tecer o presente paneiro com talas de *arumã*, preparar as alças com *enviras*, enquanto inúmeros entes verdes da floresta tropical – com esse rio que flui incessante rumo ao majestoso *Amazonas* – ainda se perfilam no horizonte, de onde jorram, à moda de um olho d'água, essas *caboclituras*, que se encaixam para contar o que vivi e agora revivo de forma crítica nesses *recuerdos*, nesse mundo dos semideuses em que o *Purus* não para de correr e o tempo escoia como as suas águas entre os dedos das minhas mãos, que trazem as sombras do tempo.

Um curumim nascido no país *Purus*, vale aquífero que se abriu (ou fora aberto?) para o mundo das sociedades industriais a partir de inteligências 'ascendentes' que nele viajaram – Urbano da Encarnação, Stewart Clough, W. Chandless, A. R. P. Labre, Joseph Beal Steere, Paul Ehrenreich, Ermano Stradelli, Euclides da Cunha, Carlos Chagas, Samuel Libânio que, de certo modo, construíram *representações* das terras e das gentes que ali viviam [gentes também portadoras de inteligências múltiplas], ao passo que se iniciava o processo de aniquilamento de grande parte dos nativos, de suas culturas, de seus modos de vida e de pensar, enfim, de seus mundos, mas não sem resistências e, também, de colaboração, apesar de pouco conhecidas e dignificadas.

O rio-espelho espelharia – a partir dessas “entradas” de brancos, alardeando “ordem e progresso” e taxando-nos de ‘subdesenvolvidos’ – as desgraças de seus inúmeros filhos e filhas, cujas identidades começavam a ser estilhaçadas e a semente do mal – o aclamado desenvolvimento – se instalou definitivamente nessas terras férteis. Desenvolvimento e subdesenvolvimento [e seus paradigmas-irmãos] passaram a ser as medidas de riqueza e pobreza dos puruenses. O acúmulo de bens materiais não significava, nesses tempos idos, “boa vida”.

Ah, o *Purus*, o tempo [moeda da vida], os humanos e todos os entes-vidas, sob os céus que “proclamam a glória de Deus, e o firmamento anuncia as obras das suas mãos; e um dia discursa a outro dia, e uma noite revela conhecimento a outra noite!”

É diante desses ensinamentos e dessas pétalas cintilantes, a natureza e as diversas gentes das *Amazônias*, pirilampos diante de meus olhos, que escrevo este ensaio; que todos os espectros dos meus antepassados, e também da minha amada Pou-Pou Sirou, uma cadela de pelo cor de mel – que não sabia que era uma cadela, apenas era o que era; que o Perú, quase um cão humano; que a minha casa de nascença, fincada à beira do Purus e a minha segunda casa, a de crecência, na rua 22 de outubro, à beira do lago; e também a nossa casa de farinha no fundo de nosso quintal; as canoas, os cascos e as incontáveis outras-formas-de-existência – todas essas extensões de meu Eu se juntem a mim nessa jornada de escrita!

Meus bisavós e avós, meus pais, irmãos e irmãs, primos e primas; tios e tias; sobrinhos e sobrinhas, vovó Maria Tezeza e vovó Francisca Júlia e seus bolos de massa puba recheados com *castanhas da Amazônia* e tantas outras imagens-correntezas, que me acompanham nessa viagem, façam jorrar a tua energia vital, oh, *Purus*! E que os vaga-lumes avistados por Kock-Grünberg – esse espectro de etnó-



logo apaixonado pelas *Amazônias* e que conversa com a minha alma em suas escapadas noturnas – e vários outros fazedores de viagens/visagens possam me guiar nesse rio metafísico em meio à floresta de signos – como em *Cobra Norato*, de Raul Bopp – e que esses signos cuidem para que eu não me perca em ilusões. *Mãos à obra!*

É preciso começar sempre: não há fixidez na vida. Impermanência? Contemple-a nos céus. Segurança? Estabilidade? São armadilhas engendradas por nossa estrutura psicológica. Precisamos de equilíbrio em todos os começos. Mesmo assim, temos a necessidade de liberdade; entretanto, sem equilíbrio, a destruição é a grande armadilha. Tudo na vida, como diz H. M. Tomlinson, é inerente ao começo, que, por sua vez, prevê determinado fim. Eu começo, então, pois faz algum tempo que saí do ventre da Terra. Viajei mais da metade da viagem/vida espiando da janela do ventre de Anália [pequena preciosa] – o Sol aparecer e desaparecer, bem como o intervalo do Dia – a Noite – com seu manto mágico repleto de estrelas e miríades de seres cósmicos de nossas cosmologias originárias. Esses intervalos, o Dia e a Noite, “partículas harmônicas e regulares do Tempo”, são “o abrir e fechar de olhos da Existência-por-si-Mesma”. Nada mais sou que o abrir e fechar de mundos. Sou mundos, esferas microcósmicas, numa viagem de volta à Grande Mãe.

Essa esfera cósmica, a Terra, ou o ventre de Anália, em que fui entretecido, onde nasci dessa vez, provavelmente não seja o ponto inicial da minha viagem entre as eternidades, porque “o Tempo não é mais que uma ilusão ocasionada pela sucessão dos nossos estados de consciência, à medida que viajamos através da Duração Eterna”. É Helena Blavatsky quem o diz via sabedorias milenares.

Nem a minha viagem entre as inumeráveis galáxias, ou a de qualquer outro ser humano ou outros-à parte dos-humanos começa e termina na barriga da Terra.

Há uma Noite eterna para ser viajada! – como acreditava Henry Major Tomlinson, viajante londrino que gastou seu vigor humano na produção de textos para o jornal *Morning Leader* e em viagens geográficas a vários lugares do mundo, inclusive numa visita ao glorioso rio *Madeira*, na Amazônia ocidental, no início do ano de 1910, quando da construção da Estrada de Ferro Madeira-Mamoré. Essa é outra odisseia; outra quimera.

[Mágica é a viagem tomlinsoniana a essa então floresta em que querubins se posicionavam em seus tronos celestes, enquanto Tomlinson sonhava, obviamente, como sonham todos os românticos que se rendem ao mero subjetivismo em detrimento da continuidade e persistência da beleza das coisas, independente do uso que delas – humanos – fazemos].

Como canta Drummond em *Lição de coisas*,

“Que importa este lugar
se todo lugar
é ponto de ver e não de ser?”

É desse lugar-mundo – próximo ao trecho encachoeirado do rio Madeira – que textualizo; que escrevo este ensaio. Creio que, tanto para esse elfo [Tomlinson] dos bosques dos arredores de Londres, quanto para mim, os Dias e as Noites são partículas do relógio de Guaracy, o Sol, esse olho de nosso mundo natural, e a lua, ah, a lua, meu farol nas noites de manto escuro!

De Porto Velho eu a contemplo vagando entre as copas das árvores que circundam minha casa-barco, enquanto navego em relatos de viagem pela *Abya-Yala* em busca de conhecimento, de compreensão de mim mesmo e do meu mundo.

Não apenas os grupos amazônicos comigo navegam; os nativos andinos, pampeanos e chaquenhos também são companheiros de jornada. Estão comigo como grandes prosadores e especialistas em diversas formas de miragens e de vida. E conosco, sul-americanos, viajam



os plasmadores de textos que me ajudam nessa urdidura de mim, texto que sou.

De Emilie Snethlage, ornitóloga alemã – que se apaixonou poderosamente pelas aves amazônicas e seus pés pisaram essas terras em frente à EFMM, quando ali se hospedou numa fazenda em novembro de 1929 – sinto a presença enigmática. E posso vê-la cruzando o glorioso *Madeira* numa embarcaçõzinha colorida, num domingo ensolarado, para hospedar-se no Hotel Brasil, todo construído com pinho-de-Riga, de onde, num repente, partiria para a glória celeste.

Que espírito! Que viagem realizara essa mulher, a tia Mila, como a chamava docemente, Emil, o seu sobrinho! Que enigmas fascinantes!

Sei que há um enigma cósmico que deve ser alcançado através da compreensão dos seres humanos; a Natureza – sob a visão materialista – todavia – foi colocada, no caminhar do humano, à margem; como um estorvo a esse caminhar. Parece ser esse o paradoxo do mundo “civilizado”. Extermínio de si próprio.

O enigma cósmico foi arquitetado pelo próprio Universo; Ser Supremo que envia, incessantemente, emanções divinas aos seres terrestres e celestes; seja na Terra ou em quaisquer outras esferas e pluriversos galácticos, esses milagres de acontecer não cessam. Pelo milagre da revelação do conhecimento entre mundos, esperemos. De braços cruzados – como costumava dizer minha avó materna, Francisca Júlia, uma das encantadas do Purus – não esperemos. Construir-se como gente-amor é preciso.

Minhas expressões amazônicas – linguagem carregada de saber-sabor, cheiro-aroma, toque-tato, audição-escuta, visões-encantarias – deverão servir de cumeeira de mim mesmo – caboclo/indígena/afro – nessa caboclitura que ora entretenho em palavra escrita; e, quando vivida, essa caboclitura se torna conhecimento institucionalizado enquanto pessoa-texto;

como personitudização de sujeitos amazônicos.

Caboclitura como modo de vida cabocla imersa nas *encantarias* próprias dos rios amazônicos que, cotidianamente, vão cerzindo os sujeitos da região Norte do Brasil. É nessa relação com as *culturas caboclas* que nossas identidades amazônicas são costuradas. Paes Loureiro, esse xamã das nossas tessituras sígnicas, contribuiu imensamente com essas amazonialidades, *identidades caboclas*.

Entretanto, advirto que faz muitos anos que a minha ideia de *identidade cultural* passou por fricções interétnicas – Apurinã, Paumari, Jamamadi, Suruahá, Catuquina, Curigueré, Curucuru, Cuyariyayana, Guaquiari, Iriju, Itatapuia, Juma, Mura, Manetinery, Canamary, Catauchys, Jubery, Caxarary, Uatanary, etc. e outros grupos humanos (brancos e negros) vindos do Nordeste para a Amazônia e de tantos outros lugares do mundo – a hibridização se impôs. Isso a Antropologia comprovou exaustivamente. E nessas relações humanas de *escambo*, de guerra ou de tráfico humano, cada grupo teve perdas e ganhos significativos.

Diante dessa diversidade de *povos originários das Amazôniaas*, não poderia eu ter outra ascendência a não ser indígena e afro – mesmo diante da impossibilidade de se saber, de forma exata, de qual grupo indígena/afro advém minha *ancestralidade*, pois somos filhos miscigenados. Como se sabe, o processo de colonização dos povos originários miscigenou e esfacelou – ou dizimou – inúmeros grupos locais. *O mundo se despedaça* – vai cantar, com voz de ouro, outro *kilyikhama*, Chinua Achebe!

Todavia, o que sei é que caí – como no mito de origem dos Guayaki – na floresta amazônica, na margem esquerda do rio *Purus*, enquanto minha mãe caiu no rio Passiá, afluente da margem direita da *cuenca* puruense; porém, como tive uma criação urbana e educação europeizante, não aprendi a língua dos meus ancestrais, muito menos vivi numa casa indígena –



senão numa comunidade branquecedora – ou tivera eu a sorte de ser banhado por completo na cultura dos *povos originários*.

A chegada do ‘branco’ ao que passou a ser chamado “Novo Mundo” atrasou o alcance desse conhecimento, porque desmantelou e apagou as ciências de toda *Abya-Yala*, terras em que os povos originários foram nomeados *índios*, um erro geográfico e histórico que levou ao apagamento ou aos equívocos cometidos contra os inúmeros grupos humanos e outros-à-parte-dos-humanos, que moravam nessa imensidão de matas e rios tropicais. E, desde então, o tempo do maior genocídio, do holocausto de milhares de *povos originários*, trégua não tem dado.

Viajantes vários, no entanto, essas carnificinas denunciaram. Walter Hardenburg foi um desses enviados, posto que, na introdução de seu relato-testemunho, afirma Hardenburg ser uma ironia do *Destino* – que uma terra, em que os nativos viviam sob leis sociais benéficas, tenha sido palco de tantas desgraças, torturas, atentados e assassinatos de inúmeros grupos originários – eleva ele a voz a favor dos meus parentes e de todos os que foram aparentados.

Inca Garcilaso de la Vega declara que nunca se conheceu na África, Ásia e Europa – impérios cristãos – acontecimentos tão horrendamente destruidores quanto em *Abya-Yala*, espoliada e nominada *América do Sul*. E continua a saga ceifadora nas “terras das Icamíabas”.

Com o sangue de milhares de nativos, praticamente todos os rios maiores da Amazônia suas águas banhadas tiveram; aniquilados grupos inteiros foram. Migrar, tiveram que, das margens dos rios, para o interior, para o centro da mata, para os recônditos quase impenetráveis da região que ficaria historiografada como Amazônia, uma invenção discursiva institucionalizada com o sangue dos então amazônidas.

Assim, minha referência identitária não poderia ser outra, senão a *cabocla*, pois sou *caboclo amazonense*. “O referen-

te do termo caboclo” – e nisso compactuo com Bessa Freire – “é o falante individual de português, mas com a especificidade de ser proveniente de uma *coletividade enraizada* em língua geral amazônica”. Consciente estou desse processo de hibridização racial, cultural e sócio-político imposto às gentes do e no Grande Vale, drenado pelo “Rio Babel”, o Amazonas, em que o Purus, é veia desse corpo aquático.

Almeja ser este mosaico de signos uma narrativa maior, posto que não busco o semelhante, o parecido, o igual, o diferente, e sim o diverso, a partir da história-viagem da constituição de si, do ser-si, do ser-ente e, ao mesmo tempo, da desconstituição do corpo físico, em que as pessoas – entre elas a que foi minha mãe terrena – foram e vão se constituindo enquanto seres conscientes de si no mundo amazônico. Alimentar o corpo com substâncias adocicadas, aromáticas, saborosas, mas também amargas e até fedorentas [necessárias, entretanto] de nosso território, o amazônico, devemos nós.

Com minha *escrita cabocla* me aparto – como fui apartado do corpo de Anália – do “homem social” que sou, pois o processo de escrita e de inscrição, como em Barthes, me faz ser/dizer, de fato, me constituir como individualidade, isto é, como uma mônada aberta. E nessa ação de costura, as memórias servem como rota da viagem e, ao mesmo tempo, a escrita serve para libertá-las de tempos passados, mas presentes [esses tempos vividos] em minha vida cotidiana, que segue transformada em sentimentos e em projetos de vida, de ascensão e de socialização verticalizada.

Tudo isso se assemelha, na minha percepção, a um *trabalho de campo* voltado para mim mesmo, isto é, uma *autor-reflexão* do meu constituir-se como indivíduo, como pessoa, como ente amazônico.

Foi preciso essa reviravolta para que se compreenda o quanto somos presentes e passados, simultaneamente. [Lembre-se



das margens do rio às quais me referi anteriormente].

Para mim, *homem amazônico-pu-ruense*, o meu passado está adiante de mim. Ele está a minha frente, porque vivo numa circularidade imaginária. Sou uma multiplicidade de eus; sou um *holograma*, se do lado da *razão*; sou duplo, se nos pressupostos ontológicos dos *povos originários*. Logo, sou um ser inacabado.

Como afirmou o filósofo russo – Mikhail Bakhtin –, devo estar inacabado, aberto para mim mesmo – pelo menos no que constitui o essencial da minha vida –, devo ser para mim mesmo um valor ainda por-uir; devo não coincidir com a minha própria atualidade.

Enquanto materializo essas reflexões – que estão inscritas em meu ser e em meu corpo – liberto a mim mesmo no fluir da *textualização*. [Preciso estabelecer diálogos com o meu “eu” do passado-presente].

Essa *caboclitura amazônica*, esse sol em ação, doando-se e fazendo com que cada vez mais eu respeite, ame e venere essa Natureza de múltiplas faces e, assim, majestosa, é minha própria essência.

Essa *vontade-de* – como afirma Paul Ricouer – de um *indivíduo-sujeito de si mesmo*; essa *vontade-de-fazer*; esse ‘*wanting*’ e o que esse signo inglês carrega de significado em português, *vontade-de* e não apenas *querer*, pois isso se aproxima mais de desejo e não de vontade, *volição*. Por tudo isso, vontade-de-ser o Mesmo, o Eu-Mesmo, de re-viver enquanto vive-se. Não à *outrificação* de mim!

Narrativas – como sabemos – são como telas pintadas com palavras quentes, às vezes frias, mas selecionadas de acordo com as lembranças, que, à moda das águas dos rios amazônicos, reverberam, rodopiam, vão de encontro às barrancas, lambem as praias e cavam os *estirões*, fazendo com que a terra desbarranque e o leito do rio mude de lugar.

Vidas desbarrancadas!

E essas ‘*terras caídas*’ são como episódios pincelados neste tear.

Essas narrativas constroem uma ponte que dá acesso a um túnel de uma vida em meio a tantas outras vidas. [Sou a ponte, sou o rio!]

Que essa *empreitada viageira* seja realizada na mais perfeita harmonia dos astros e das estrelas e dos viajantes, que rondam em meus sonhos e habitam meus pensamentos. Posso deixá-los – refiro-me aos pensamentos – materializados em palavras, em um texto em que o EU individual vai ao encontro do EU universal e encontra-se consciente de que há uma pluralidade de pessoas, uma infinidade de gentes: gente-peixe, gente-água, gente-fogo, gente-mata, gente-verdadeira, gente-bicho, gente-do-centro, gente-onça, gente-cobra e por aí vai. Em que grupo está o meu eu, o meu si-mesmo, a minha *ipseidade*? Sou um *redemoinho* nas águas do Purus.

Devo construir a ponte com as letras e assim fazer a travessia do meu rio e alcançar o meu outro eu, pois “a palavra, escrita ou inscrita, é uma ponte”.

Saramago fala de leitores que vivem pregados em livros, e não nas palavras, que servem para a travessia para a outra margem, que deve ser o Eu modificado; ou seja, a leitura do livro extrapola as suas margens e o leitor passa a viver nessas outras margens como um outro que não deixa de ser o mesmo, contudo, mudado.

Ainda estou na travessia das primas-veras, primas-anas, primas-rosas, primas-marias, primas-doras, primas-helenas e muitas outras primas. São nas *primaveras* que cada um de nós pode olhar para trás e visualizar a sua *esteira* dourada nas águas do rio-vida, deixada pelo movimento natural do seu deslocamento nas águas do seu próprio tempo. “Existe um tempo certo para cada coisa, momento oportuno para cada propósito debaixo do Sol...” O meu tempo é o das narrativas de mim mesmo, esse *self estriado* pela procissão dos dias e de seus intervalos, as noites.



Como lembra um literato palestino, as próprias nações são narrativas, grandiosas narrativas. Portanto, o sujeito também deve ser a sua própria narrativa, como Lima Barreto, no Rio de Janeiro, e Dalcídio Jurandir, no Pará, que denunciaram as injustiças sociais do Brasil, ora via narrador-protagonista, ora via personagens-narradoras. Escritores maiores. Há vários outros, outras várias escritoras também. Muitos já retornaram para a Grande Mãe. Outros ainda continuam suas *escrituras* nesse plano terráqueo, enquanto outros estão por chegar ao planeta Terra, vindos da Grande Mãe.

Narrativas grandiosas, sim, outra vez. Sempre.

As chuvas de janeiro, de fevereiro e de março foram experienciadas e me ajudaram a compor boa parte desse mundo puruense; ajudaram os ditos humanos e, obviamente, a todas as demais-formas-de-existência, ou seja, os “outros-à parte-dos-humanos”, na tessitura corporal e espiritual que (en)formam um sujeito, um ente, uma unidade porosa e autocentrada.

A escola, que tem o poder de levar as crianças às letras, quando assume a valorização da cultura em que está inserido o seu aprendiz das letras, é verdadeiramente uma escola cidadã. Isso a minha escola primeira assumiu com todo o vigor de seus *educadores*. Essa atitude de dignidade humana me conduziu a um horizonte extraordinário.

As canções que minha professora do *Jardim de Infância* me ensinou ainda são ouvidas, mesmo que numa daquelas *cerrações* das margens do *Purus*, num tempo muito distante do momento em que escrevo; entretanto, o tempo não as alterou em nada, apesar das re)pressões.

Ainda vejo o colorido da canção maternal de “as minhas lindas sardinhas, vão todas agarradinhas, direto e requebrando” nas águas borbulhantes do *Purus*. Não é uma alucinação, mas identidade do meu pensamento, porque é um ato de recordação de mim mesmo em tempos pretéritos.

O grande jogo é, talvez, essa *recordação* que já não pode ser a experiência vivida, mas um vertedouro de marcas *mnêmicas* de quem se põe a recordar e a registrar, mediante a presença de algum objeto do passado, de algum cheiro, odor, cor, som, etc., experienciados há alguns anos, quando viver era simplesmente estar no mundo.

Mas esses vertedouros se esvaíram no tempo e, se me esforço para revivê-los, corro o risco de ser tomado por uma *alucinação*. E não é desejo – que essas digressões – fazer com que você, leitor(a) desista de continuar adiante n’os *rios que somos todos nós*. Portanto, tomemos a rota planejada da viagem. Outro *barco* – para uma jornada insuspeita – nos espera no porto, com seus degraus escorregadios, sob uma chuva fina de uma manhã de inverno nas *Amazônias*, *rios que somos todos nós*.

As águas se avolumam e o rio transborda. A mata ruge. A prancha fora jogada à terra. Embarquemos, pois. “Quero encontrar a ilha desconhecida, quero saber quem sou eu quando nela estiver”. Porque, uma coisa é certa: “se não saís de ti, não chegas a saber quem és...” – como afirma, categoricamente, o marinheiro *d’O Conto da ilha desconhecida*, de Saramago. Sejam *práticos* de nós mesmos.

Como muitas outras pessoas, não creio que haja alguma parte do mundo em que o homem não possa viver. Para isso, entretanto, alerta outro pensador, “precisam se alimentar e, portanto, produzir os seus alimentos e organizar-se socialmente”.

O “socialmente” deveria abarcar os outros-à parte-dos-humanos, pois eles também se organizaram ou foram organizados para que conseguissem sobre-viver. Os outros-à parte-dos-humanos aos quais me refiro são os seres animais, vegetais, répteis e as miríades de insetos e os espíritos ou entes que povoam os *mundos amazônicos*.

São eles as *personitudes* diversas que considero extensão de mim. Também



a minha *maloca*, os meus livros, cadernos, *notebook*, celular, os seres ditos humanos – amigos, irmãos, parentes, antepassados e meus outros-a-parte-dos-humanos – a fauna, flora e todos os espectros – são todos extensão de mim, pois convivo com esses naturais e extra-sobrenaturais. Há uma organização mental em mim que separa os antepassados dos meus parentes falecidos no meu tempo existencial. Meus antepassados, portanto, pertencem a um tempo muito recuado no tempo. Outro tempo, o mítico.

No que se convencionou chamar *Amazônia*, essa *organização mental tempo mítico* parece estar bem orquestrada e viva. No entanto, não vou mergulhar nesse universo dos meus antepassados. Deixarei a tarefa para outrem. Não por covardia ou fraqueza, mas por querer aliviar-me, nem que seja por alguns instantes, dessas cenas desestabilizadoras de mim mesmo.

Reunir essas imagens a partir das doces e inesquecíveis etapas de cotidianos talvez me leve à constituição de uma pessoa [ente] plena, aberta aos movimentos do *mundo amazônico*, do calor e do vento, da chuva e da terra quente, do meu eu individual e do eu social. Exponham-me ao odor ocre da mata fechada e das fachadas monumentais de árvores que margeiam os rios da minha memória: Purus, Passiá, Marí, Mucuim, Açuã, Querequetê, Ituxi, Tumiã, Sepatini, Solimões, Amazonas, Acre, Japurá, Tefé, Madeira...

Há uma *árvore gigantesca* de rios em minhas *mirações*. Os galhos dessas árvores são esses vertedouros de águas e, muito provavelmente, os seus inúmeros afluentes).

Essa árvore de rios – e isso me lembra as palavras de John Hemming – é a morada de inúmeras pessoas que estão na história da minha genealogia. Porém, não saberia como mergulhar tão fundo e buscar essas histórias de matas, de roças, de pescas, de conflitos, de andanças, de cheias e vazantes dos rios amazônicos,

sem o risco de me perder nas *ribanceiras*, que oscilam.

A *bacia* pende para um lado, e os rios da margem esquerda do meu Amazonas se enchem. E logo depois pende a bacia para a margem direita e os rios da esquerda baixam as águas, enquanto os rios da margem direita se enchem e suas águas adentram a mata de várzea e formam os igapós das minhas *canoagens* sob um manto verde e escuro. E julgo que estou numa catedral em dia de culto. Eu passo a ser o *sacerdote*, o *xamã*, o *pajé* que caminha entre os demais guardiões dessa floresta inundada. E assim começa a jornada.

Eis-me deitado no banco da minha *canoa*. Minha mãe a conduz da popa. Eu sonho. Eu vivo a minha história enquanto vivo esse tempo cronológico, e sou a minha ficção quando escrevo essa *jornada aquífera*, porque o ficcional me integra e orchestra a minha maneira de ser, de existir enquanto indivíduo, pessoa, sujeito e me joga dentro de uma ficção.

Vivo essas constituições das ações, pois sou agente de minhas identidades e busco nas narrativas a constituição de mim mesmo na minha vivência com a minha mãe. Resumindo: tem-se, nesse processo, a tradução; ninguém escapa dessa prática tradutória. Entretanto, minha vida inteira não está nessas narrativas-traduições. Isso seria impossível. Há ainda a minha própria dimensão narrativa inconclusa.

Como Wilhelm Dilthey, acredito que a *vivência* constitui a realidade absoluta da própria vida. Vivo uma *caboclitura*, pois sou um *caboclo*. Não porque eu seja filho de “mestiço de branco com indígena” ou de “negro com indígena”, muito menos porque leve adiante aquela denominação antiga e depreciativa recebida do colonizador, *caboclo*. Sou filho das matas e dos rios. Essa é minha essência; minha própria vida. Vivo, repito, essa *caboclitura amazônica*, imerso nas *Amazônias*, rios que somos todos nós!